

A INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – O SEU MOMENTO PRESENTE EM PORTUGAL

ANTÓNIO FIDALGO*

1. Investigação científica feita em Portugal

É minha opinião que algum do mal-estar que se gerou em Portugal entre as classes profissionais ligadas à comunicação, nomeadamente jornalistas e publicitários, e os cursos superiores de comunicação se deveu ao tipo de investigação que esses cursos privilegiaram. Fazendo uma breve análise dos títulos e dos assuntos dos cerca de 250 artigos surgidos nos primeiros 20 volumes (1985-1993) da *Revista de Comunicação e Linguagens* – a única revista científica da área até à data – verifica-se que o entendimento aí dominante de comunicação é muito mais lato, e sobretudo muito mais a montante em termos filosóficos, antropológicos e sociológicos, que o sentido restrito de comunicação social como o entendiam as classes profissionais. A mudança de designação de dois dos cursos pioneiros em Portugal (UNL e UBI) de Comunicação Social para Ciências da Comunicação foi um ajuste à prática lectiva e à investigação efectivamente realizadas.

Assumindo a distinção entre «comunicação em geral» e «comunicação social» que Parés i Maicas faz na *Introducción a la Comunicación Social* (36-47), parece-me que em Portugal a investigação feita tem sido na grande maioria no âmbito da comunicação geral. Como os números da RCL são temáticos, fácil se torna verificar isso através de uma enumeração das temáticas tratadas nos primeiros 20 volumes (alguns deles duplos):

* Universidade da Beira Interior, Covilhã.

1 – As máquinas censurantes modernas; 2 – Espaço Público; 3 – Textualidades; 4 – Tecno-lógicas; 5 – As paixões; 6/7 – Moderno-Pós-Moderno; 8 – Jornalismo; 9 – Televisão; 10/11 – O corpo, o nome, a escrita; 12/13 – A experiência estética; 14 – Estratégias da Persuasão; 15/16 – Ética e Comunicação; 17/18 – O não-verbal em questão; 19 – Michel Foucault; 20 – Figuras. Só dois números são claramente específicos à comunicação social em sentido restrito, Jornalismo e Televisão. As outras temáticas poderiam ser de uma revista de cariz marcadamente filosófico.

Penso que se trata de uma linha perfeitamente compreensível, e normal, à luz da origem estritamente académica dos cursos de comunicação em Portugal. Os docentes dos cursos vieram de outras áreas académicas já estabelecidas (filosofia, sociologia, história, literatura, etc.) e não do meio profissional. O mais natural, assim, foi abordar a comunicação no seu sentido mais fundamental e geral, em comum com as áreas disciplinares de proveniência. A definição que Adriano Duarte Rodrigues dá de comunicação na introdução do seu último livro, *As Técnicas da Comunicação e da Informação*, Presença, 1999, é elucidativa desta acepção básica de comunicação: «*A comunicação não é uma questão técnica, entendida como um mero conjunto de dispositivos. Não é apenas um conjunto de instrumentos de que lançamos mão para atingirmos determinados objectivos. É, antes, uma dimensão fundamental e constitutiva da própria experiência humana. Compreende a interacção, tanto dos indivíduos como das comunidades humanas, com o mundo natural, com os outros homens e com as outras comunidades humanas, interacção indispensável para a própria sobrevivência, quer do ser humano, considerado como indivíduo ou como espécie, quer das comunidades culturais.*»

Glosando ainda Parés i Maicas, em Portugal a investigação foi em Ciências, e não em Ciência da Comunicação. Com isto quero dizer que tem havido um entendimento interdisciplinar do ensino e da investigação na área da comunicação, pelo que a investigação feita tem-se centrado em áreas científicas relativamente autónomas, como semiótica, pragmática, ética, teoria crítica, estética, teoria política e teorias da cultura, que poderiam fazer parte de outros campos de saberes que não especificamente os de comunicação.

Dito isto, em jeito descritivo, quero fazer um juízo valorativo do que se fez. Penso que foi muito positiva a linha de investigação adoptada, a da comunicação geral. Não pertencço aos que recriminam os cursos de comunicação por serem cursos de filosofia da comunicação (como poderia eu, se provenho da filosofia?!). A estratégia foi a de afirmar o carácter universitário e científico de uma nova área disciplinar. Se tivesse vencido a linha profissionalizante na leccionação e investigação da comunicação, ter-se-ia corrido o risco de enveredar por cursos profissionalizantes, despidos da componente científica e crítica da comunicação.

2. Os condicionalismos duma comunidade científica emergente

A investigação científica em Portugal tem sido condicionada pelo facto de só agora se estar a formar propriamente uma comunidade científica. Este encontro aqui na Universidade do Minho, a Lusocom III, é o segundo grande encontro em Portugal dos investigadores académicos em ciências da comunicação. E o primeiro encontro só foi há 7 meses!! (as devidas salvaguardas a outros encontros). É preciso ter a consciência de que estamos no início.

De todas as maneiras, passos essenciais foram dados ultimamente para a constituição de uma comunidade portuguesa com suficiente dimensão crítica. Foram lançados nos últimos anos alguns mestrados em outras escolas para além da UNL, nomeadamente UBI, Universidade de Coimbra e ISCTE. A UBI tem presentemente nove doutorandos em Comunicação! Há notoriamente um esforço na formação científica avançada dos docentes dos cursos de comunicação. Os frutos começam a ser notados ao nível de um maior número de publicações em Portugal. A UBI tem em curso a série «Estudos em Publicação», cujo 6º número está para muito breve, e as editoras Vega, Cosmos, Minerva, Presença e Piaget têm investido cada vez mais na nossa área. O lançamento neste encontro da revista «Comunicação e Cultura» pelo Departamento de Comunicação da Universidade do Minho é mais uma prova de que estamos a crescer em tamanho e em saber.

Sem delongas seja referida a importância da criação da SOPCOM, da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, na institucionalização da comunidade emergente. Não há comunidades científicas se não houver órgãos representativos. É graças à SOPCOM que estão a ser estabelecidas relações com comunidades congêneres estrangeiras. É o caso presente!

Também a muito recente avaliação externa dos cursos universitários de comunicação constituiu um passo importante na afirmação da nova área científica. Espera-se que o relatório final de avaliação possa congrega os diferentes cursos relativamente a um *corpus* de matérias científicas. Refira-se ainda que, pela primeira vez, a FCT vai contemplar especificamente a área de CC nos concursos de projectos de investigação científica a lançar ainda este trimestre.

Creio ainda que a criação da BOCC – Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, ao disponibilizar já cerca de duas centenas de textos (artigos, teses, cursos, conferências) sobre múltiplas áreas da comunicação, com textos provindos de Portugal e do Brasil, representa um elo importante na formação da nossa comunidade científica. Para que se possa falar de comunidade não basta falar de pluralidade, é indispensável criar pontos de união e de convergência (mesmo na crítica e no debate) entre os diferentes investigadores, das diferentes escolas. Ora, a base de toda a união científica é o

conhecimento do trabalho dos outros. E, neste aspecto, penso que a BOCC desempenha um papel de relevo.

3. Novas linhas de investigação – investigação mais específica

Conquanto considere que a linha de investigação básica atrás referida deva prosseguir, considero que estamos em condições agora de avançar para projectos de investigação mais específicos. À medida que o número de investigadores, licenciados em Comunicação, aumenta, aumentará *per se* a investigação mais específica em comunicação social e isso nas diferentes partes do processo comunicativo (emissores, meios, conteúdos, destinatários).

Face aos desafios que as novas tecnologias da comunicação colocam à comunicação social, penso que a investigação terá aqui um campo enorme de pesquisa. Existe a possibilidade de tomarmos a frente na experimentação de novas formas de comunicação, de avançar com autênticos laboratórios de investigação. Obviamente que o mais importante será a constituição de equipas de investigação, com projectos bem definidos e ambiciosos.

Nesta perspectiva é fulcral a constituição de equipas multidisciplinares que agreguem investigadores e técnicos de diferentes áreas, no caso do jornalismo *on-line*, por exemplo, há inegável interesse em agregar comunicólogos, sociólogos, designers, informáticos (base de dados) e engenheiros de sistemas e redes. Novos meios de comunicação exigem novas formas e seria bom que as ciências da comunicação tomassem a dianteira na definição dos novos formatos de comunicação.

Estou consciente do cariz tecnológico que envolve esta perspectiva de investigação, que faz lembrar a perspectiva de uma escola de engenharia (tipo Media Lab). Sem negar de algum modo a diversidade possível e desejável das linhas de investigação na nossa área, ciências sociais, ciências da educação e artes, desejo eu assumir aqui esta linha mais virada para a exploração das novas tecnologias. Se exigimos dinheiro para laboratórios de audiovisual e de multimédia, então será consequente não limitarmos esses meios à leccionação, mas servirem também para projectos e linhas de investigação.